

## O CADERNO DE GEOGRAFIA DE RACHEL DE QUEIROZ

Tiago Vieira Cavalcante  
tiagocavalcante@ufc.br

---

Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Centro de Ciências, Bloco 911. Campus do Pici. CEP 60440-900. Fortaleza/CE.

### RESUMO

O Caderno de Geografia é um tesouro pedagógico e geográfico redigido de próprio punho no início do século 20 pela insigne escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003). Diante dessa preciosidade, nos propusemos a desenvolver uma análise que vai se prender ao conteúdo do caderno, isto é, o que fora ensinado aos alunos na época, mas também à sua forma, ou seja, como este conteúdo teria sido aprendido por esses alunos.

### PALAVRAS-CHAVE

Geografia Escolar, Geografia Literária, Rachel de Queiroz.

## THE GEOGRAPHY NOTEBOOK OF RACHEL DE QUEIROZ

### ABSTRACT

The Geography Notebook is a pedagogic and geographic treasure written in his own hand in the early 20th century by the eminent writer from Ceará Rachel de Queiroz (1910-2003). Faced with this jewel, we proposed to develop an analysis that will hold the contents of the notebook, namely what was taught to students at the epoch, but also to its form, in other words, how this content would have been learned by these students.

### KEYWORDS

School Geography, Literary Geography, Rachel de Queiroz.

### A história de um encontro

O chão não se acaba – e afinal de contas só do chão precisa o homem, para sôbre êle andar enquanto vivo, e no seu seio repousar, depois de morto (QUEIROZ, 1958, p.69).

Foi perscrutando os caminhos da vida e da obra de Rachel de Queiroz que chegamos ao Caderno de Geografia. Nosso interesse era, em princípio, por sua literatura e como esta podia estar relacionada com suas (con)vivências, com seus interesses, com sua passagem por diversas paisagens e lugares. Isso, porque Rachel foi uma escritora profundamente telúrica, apaixonada por sua gente e por sua terra, esse chão que não se acaba e do qual precisa o homem, como anunciado em nossa epígrafe. Como ela mesma expressou, em entrevista para Hermes Nery:

Você pensa que é dono da terra e, na realidade, a terra que é seu dono. No fundo você é uma peça incorporada naquele complexo de bichos, de plantas, de flores e aromas. É um sentimento de você pertencer a um universo material, como uma referência que é base para muito daquilo que você faz. É a partir daquele chão, daquele pedaço de terra que você herda ou conquista, que você vai começar a construir sua vida, seus laços de afetividade, fincar a âncora de sua existência neste mundo (NERY, 2002, p. 84).

Sabíamos do fato da obra de Rachel ser repleta de rastros de sua vida. Literatura, portanto, permeada por geografias pessoais (LOWENTHAL, 1985; MIRANDA, 2012). É quando nos aproximamos das vivências e experiências de um autor que por vezes certas preciosidades no aparecem: escritos avulsos, com passagens particulares, pouco conhecidos do grande público. O Caderno de Geografia é essa preciosidade, um

manuscrito representativo da geografia escolar d'outrora. Geografia esta anterior à Geografia acadêmica, lecionada por mestres sem formação específica para o ensino deste conhecimento, mas conhecedores da Geografia de seu tempo, do que pouco a pouco era sistematizado, difundido, estudado.

Pensamos que essas descobertas aparecem ao pesquisador quando este compreende a relevância do aporte geográfico e existencial na análise das obras literárias (LÉVY, 1997), das geograficidades que atravessam a inextricável relação entre o Homem e a Terra (DARDEL, 2011), permeando toda elaboração humana e enriquecendo, desse modo, as possibilidades da geografia literária.

É assim que nos deparamos com o Caderno de Geografia; pela leitura e pesquisa de tudo que dizia respeito à Rachel de Queiroz, escritora que (re)escreveu, a seu modo, a Geografia do Brasil, do Nordeste, do Sertão e do Ceará. Necessidade de se apropriar do tema, de explorar as mais variadas possibilidades. Caderno nunca antes analisado por um geógrafo. Pela pesquisa chegamos à biblioteca, na biblioteca o acesso ao livro raro, único caderno de anotações escolares que Rachel guardou por boa parte de sua vida.

Sobre o Caderno de Geografia nos concentraremos mais a frente, trazendo seus detalhes, levando em conta tanto o conteúdo que fora ensinado aos alunos da época quanto à forma como este conteúdo teria sido aprendido por esses alunos. Antes, pensamos ser importante revelarmos o momento da vida de Rachel em que esse singelo caderno ganhou existência.

## A estudante Rachel de Queiroz

E eu – como me apresentaria eu, nessa enumeração das várias feições do nordestino? Bem, eu também sou filha da caatinga. Do sertão central do Quixadá, semeado pelos altos serrotes de granito, no meio dos quais a cidade se aninha. Aos 40 dias de idade já viajava a cavalo, no colo de minha mãe, amazona de 18 anos, pelas estradas do Quixadá (QUEIROZ, 1993, p. 202).

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, mais especificamente na Rua da Amélia, nº86 (atual Rua Senador Pompeu). Esse era o endereço de sua bisavó, Maria de Macedo Lima, a Miliquinha, que morou nessa casa desde seu casamento com o major Cícero Franklin, seu primo legítimo. Foi Miliquinha quem amparou Clotilde e Daniel, pais de Rachel, quando esta estava para nascer, pois, em outros tempos “[...] as mãos de uma avó experiente eram a melhor maneira de trazer um filho ao mundo” (ACIOLI, 2007, p. 15).

No dia 17 de novembro de 1910, nasceu Rachel de Queiroz, chamada pelos familiares de Rachelzinha, pois seu nome fora herdado de sua avó paterna, Rachel Alves de Lima.

A menina morou com a família em Quixadá até os três anos de idade, voltando para Fortaleza quando seu pai foi nomeado promotor. Residiram, durante esse período, em uma casa alugada na Praça Coração de Jesus e, posteriormente, em uma chácara localizada no bairro Alagadiço, “[...] casa de imenso quintal, cheio de bananeiras, goiabeiras, cata-vento, [onde] fica hoje a Casa de Saúde São Gerardo, e a rua é a Avenida Bezerra de Menezes” (QUEIROZ, 1976, p. 59). Nesse ínterim, Daniel, seu pai, resolveu deixar o cargo de promotor. Foi até o Governador com a carta de demissão em mãos e, rapidamente, conseguiu outro emprego, como professor de Geografia no Liceu do Ceará, lá lecionando até 1915 (ACIOLI, 2007).

Tempo depois, de volta à Fortaleza e ainda no bairro Alagadiço, após uma breve estada nas cidades do Rio de Janeiro e de Belém, Rachel “[...] tinha loucura pra frequentar uma escola e ninguém deixava. Já estava com oito anos e nunca entrara numa sala de aula, a não ser uns poucos dias no Pará, na casa de uma parenta nossa, d. Julita, mas que não era bem uma escola” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p.17). Isso porque sua família era pouco devotada tanto à educação formal quanto à educação religiosa. Tal situação só foi atendida quando Rachel passou a frequentar a escola de Dona Maria José a pedido de sua mãe, Clotilde. Sobre esse período ela expõe: “Lembro-me muito de d. Maria José: a palmatória, a tabuada dos sábados, as lições de geografia” (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p.17).

Somente aos dez anos de idade ela foi matriculada no Colégio da Imaculada Conceição por insistência de sua avó paterna, que não se conformava de a neta ainda não ter recebido uma educação religiosa (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997). Tal colégio existe desde 1865 e é dirigido por freiras da Congregação São Vicente de Paulo. Inicialmente, tinha como princípio a caridade, abrigando e educando meninas órfãs, mas depois ampliou seu campo de ação e clientela (MENDES, 2012), tendo, por isso, que ser transferido, no ano de 1867, para o prédio hoje localizado na Avenida Santos Dumont nº55.

No exame de admissão para ingressar no Colégio da Imaculada Conceição e saber em qual classe estudaria, Rachel revelou grandes conhecimentos de Geografia aprendidos, principalmente, pelas páginas literárias (CUNHA, 2010). Nessa ocasião, segundo Cunha e Figueiredo (2010, p.334), “[...] uma irmã indagou-a como poderia fazer para dar a volta ao mundo. A menina esnobou, respondendo se ela gostaria de ir pelo

Estreito de Magalhães ou pelo Canal do Panamá”. Acioli, também destaca algumas curiosidades desse instante:

A partir disso, o exame transformou-se em uma deliciosa viagem da menina de dez anos com sua professora. Escolheram começar a volta ao mundo pelo Cabo Horn, por sugestão de Rachel. Assim evitariam tempestades e ainda poderiam apanhar pérolas nos mares das ilhas do Sul (ACIOLI, 2007, p. 37).

O fato é que Rachel possuía conhecimentos de geografia e história, mas foi um fiasco no restante do exame, quando teve que mostrar o que sabia de matemática, gramática, ciências e catecismo:

[...] eu não sabia tabuada, nem conta de multiplicar, quanto mais dividir e frações! Não sabia catecismo, nem ciências, não distinguia um advérbio de um adjetivo, só conjugava verbos “de ouvido”, não tinha a menor noção do que fosse análise gramatical, pior ainda, análise lógica (QUEIROZ, 2010b, p. 57-58).

Contudo, a freira Maria de Ascensão Simas, a irmã Apolline, que gostara muito de Rachel, usou de sua autoridade de vice-diretora do colégio para que ela permanecesse na segunda classe, que era a penúltima, pois se concluía o curso na primeira classe (QUEIROZ, 2010). Em 1925, com quinze anos de idade, Rachel saía com o diploma de professora primária, normalista.

No ano de 1965, o Colégio da Imaculada Conceição completou cem anos e seus dirigentes organizaram um livro, *Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse*, para celebrar a data. Nesse tempo, Rachel era uma escritora consagrada e, como uma ilustre ex-aluna, escreveu sobre os espaços, as pessoas e os instantes que marcaram sua vida naquele local que ela carinhosamente chamava de *Santa Gaiola*. No capítulo denominado *Livro de Rachel*, em alusão aos livros que compõem a *Bíblia Sagrada*, lemos:

Nossa Santa Gaiola, agora centenária. Tentei captá-lo num livro [As Três Marias], mas não consegui. Como lhe apanhar a essência íntima, aquele perfume de convento e jardim, de mocidade e clausura, de arrebatamento e misticismo? Lá nos moldaram a alma. Por mais que o mundo, depois, nos batesse e arrastasse, nos seduzisse e açoitasse – o velho molde ficou, irreduzível. É uma espécie de irmandade que nos identifica a todas e que reconhecemos imediatamente, seja qual for o tempo e a distância, como um sinal maçônico.

[...]

A sala de costura e os bordados de seda matizada, para a exposição do fim do ano. Sexta-feira era dia de bacalhau – e sabem que ainda hoje tento reconstituir o molho de azeite e vinagre que nos serviam junto – mas nunca o consegui. Jardins fechados, onde pela primeira vez na vida colhi lírios gêmeos, plantados por minha mão. As rezas em francês, “Oh Marie conçue sans péché!”; e os dias

de boletim, quando o colégio inteiro se reunia na sala do catecismo, e a Irmã Superiora nos estropiava invariavelmente os nomes; mas era tal o respeito que inspirava, que nós não ousávamos sequer sorrir. “Angelique Elerrí Barère!” Era minha amiga Angélica Barreira. “Estelá Pitá!” A mim me chamava “Raxel” e eu surnuosamente passei a me assinar Raketel, com k.

[...]

havia os recreios ruidosos; e os passeios em dias de feriado, que as internas adoravam – não sei por que. Aquela longa fila de meninas, de uniforme azul e meias pretas; íamos sempre a algum lugar deserto, sempre a pé. Só uma vez, num inesquecível passeio à praia, Irmã Angela deixou que tirássemos os sapatos e puséssemos os pés nus na areia úmida. Ah, a louca sensação de liberdade, quase de pecado!

[...]

O jardim da irmã Jeanne, onde conheci boninas, lembrando Inês de Castro: “Assim como a bonina que cortada...” E a rouparia que cheirava a goma e manjeriço. Os chuveiros onde, mesmo nos cubículos fechados, tomávamos banho em camisola de brim, para não ofender a modéstia (QUEIROZ, 1999, p. 163-164).

Vale dizer que essa foi a única educação formal que teve. De todo modo, Rachel guardou importantes recordações do período em que estudou no colégio, lembranças dos tempos de mocidade. Ainda hoje podemos notar a “presença” da escritora no colégio. O notório carinho que tinha por essa casa pode ser visto logo que chegamos à sua porta, em um quadro, em versos que recebem o visitante:

Visitante mui amigo  
Pode entrar, a casa é sua.  
Ah! é tão bom nesta vida  
Abrir a porta da rua  
Como quem abre num abraço  
Fazendo assim como faço  
Entre a gosto. A Casa é sua

*Rachel de Queiroz*

É nesse contexto de amizades e descobertas que o Caderno de Geografia é escrito e inscrito entre os espaços da escola. Caderno revelador não só do que Rachel de Queiroz viveu, mas também do que aprendeu.

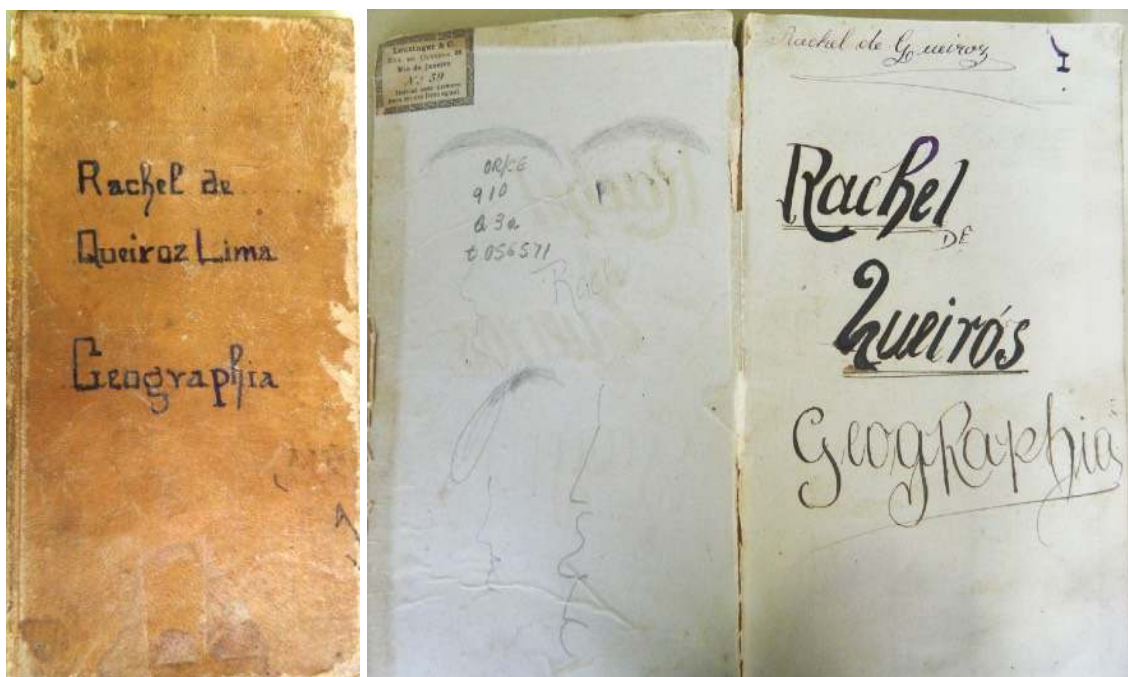
## O Caderno de Geografia

O sino da manhã tocava às cinco e meia; a missa era em jejum e ainda tinha o banho antes do café. Almoço às dez, merenda à uma, jantar às quatro. E às sete da noite o mate com pão e manteiga. E reza. Nós pretendíamos que rezávamos vinte e quatro vezes por dia – não sei se era verdade (QUEIROZ, 1999, p. 164).

Entre rezas, refeições e as mais variadas atividades que compunham o cotidiano das estudantes internas do Colégio da Imaculada Conceição, disciplinas como o Português, o Francês, a Aritmética, a Geometria, o Desenho e a Geografia, além de aulas de bordado e piano, eram ensinadas àquelas que logo se tornariam professoras normalistas, entre elas Rachel de Queiroz.

Do conjunto dessas disciplinas, Rachel guardou uma importante recordação: um pequeno e atraente caderno, datado de 20 de outubro de 1922, com anotações e/ou o resumo de leituras que fizera de Geografia... O Caderno de Geografia (Figuras 01 e 02).

Por muitos anos, a escritora conservou consigo esse tesouro e com ele, posteriormente, presenteou o amigo, conterrâneo e bibliófilo José Bonifácio Câmara, grande colecionador de suas obras. Atualmente, esse documento histórico, geográfico e pedagógico pode ser encontrado no Acervo de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel em Fortaleza, Ceará.



Figuras 01 e 02: Capa e contracapa do Caderno de Geografia de Rachel de Queiroz.  
Fonte: Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel – Fortaleza, CE.

Segundo Santos e Souza (2005), os cadernos escolares são registros de parcela do cotidiano dos estudantes e da escola. Além disso, podem desvendar as relações que se dão na escolarização, tendo que ser compreendidos dentro do contexto em que são produzidos. Assim, por um lado, o Caderno de Geografia é ilustrativo de um momento ímpar da vida de Rachel e, por outro, é um raro exemplo da Geografia que era estudada

outrora: **fragmentos** que nos contam tanto a respeito do cotidiano da estudante Rachel, quanto sobre o conteúdo e a forma da Geografia ensinada e aprendida no início do século XX.

Para seguir com a análise, além de paginar o caderno, pois ele apresenta folhas pautadas sem numeração, tomamos o cuidado de transcrever parte dos seus conteúdos, respeitando tanto a grafia da época, como a escrita de Rachel.

No que diz respeito ao **cotidiano** de Rachel no Colégio da Imaculada Conceição, ao folhear o caderno, lemos os nomes de suas colegas de turma escritos em diferentes folhas, como Laura Barbosa, Naide Chaves e Betisa Araújo, evidenciando amizades que iam além das conhecidas Alba Frota e Odorina Castello Branco, por ela retratadas, respectivamente, como Maria José e Maria da Glória na sua obra mais autobiográfica, *As Três Marias*. Boa parte delas (com exceção de Betisa Araújo) se formaria no mesmo ano de Rachel, em 1925, naquela que seria a primeira turma de professoras normalistas do referido colégio.

O curioso nome *Chiquinho do Tico-tico* também está rabiscado em uma das páginas do caderno, apelido que suas colegas lhe deram devido à semelhança de seu rosto com o popular personagem *Chiquinho* da revista em quadrinhos *O Tico-tico* (CUNHA; FIGUEIREDO, 2010), fundada pelo jornalista e político Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e publicada no Brasil, com muito sucesso, de 1905 a 1962. Sobre esse apelido, Rachel declara:

No colégio, chamavam-me “Chiquinho do Tico-tico”. Talvez por causa do cabelo cortado à inglesa, da atividade desordenada, da saia curta semelhante à “batina” antiquada do boneco; mas principalmente pelos olhos redondos e parados que nos caracterizavam, ao Chiquinho e a mim. Detalhe curioso: nunca me insurgi contra o apelido, embora o detestasse. No fundo, achava-o justo (QUEIROZ, 1994b, p. 130-131).

Cunha e Figueiredo também destacam as assinaturas da estudante, escritas de três maneiras, ora aparecendo na capa como “Rachel de Queiroz Lima”, ora em meio às notações de geografia como “Rachel de Queiroz” ou “Rachel Franklin Queiroz”, assinaturas que sugerem “[...] a procura por um ‘nome’ para ser conhecida, para se mostrar ou para ser lida na capa da brochura de um livro” (CUNHA; FIGUEIREDO, 2010, p. 335).

Foi diante desse cotidiano de encontros, com amigas e consigo mesma, que Rachel aprendeu as lições de Geografia que constam no Caderno de Geografia.

No decorrer das 88 páginas que compõem o caderno, temos os seguintes **conteúdos**: a definição de Geografia e o modo como deve ser ensinada; a divisão da Geografia; as relações entre o meio e o homem; a Cosmografia e a forma da Terra; o relevo submarino; a classificação das ilhas; a classificação do clima e a flora e a fauna do globo.

No caderno, a **definição de Geografia** é: “[...] o estudo systematico e racional do conjunto de condições phisicas e politicas que formam o meio dentro do qual vive o homem. Sob o ponto de vista desta definição e o que o ensino geographico deve ser encarado para melhorar a comprehensão da materia” (QUEIROZ, 1922, p. 03). Junto com essa definição, os mapas, as cartas e os compêndios são tidos como auxiliares de um ensino geográfico que deve ser racional e sistemático, devendo assim orientar o espírito humano, tornando o ensino da disciplina suave e ameno.

Quanto à **divisão da Geografia**, essa é dividida em física e política:

Aquella estuda a terra, seus accidentes naturaes, o relevo do solo com os seus multiplos aspectos, enfim o meio em que vive o homem. Esta considera a Terra como um theatro onde os homens vivem agrupados em sociedade munidos pelos vinculos sociaes de linguas, costumes, religião governo etc (QUEIROZ, 1922, p. 05).

E continua a enumeração: mas também dividia-se em astronômica, meteorológica, geológica, econômica, histórica, industrial e comercial. Rachel ainda escreve que existem muitas outras divisões e subdivisões, mas que “[...] se fossemos enumeral-as todas seria um nunca acabar, pois essas divisões e subdivisões correspondem ao objecto de que trata” (QUEIROZ, 1922, p. 07).

No que diz respeito à relação entre **o meio e o homem**, em primeiro lugar a parte física da Terra tem de ser estudada, para que o meio onde o homem habita possa ser compreendido. Isso, porque,

A influencia exercida pela natureza sobre o homem é enormissima. Este, isolado da sociedade longe do convívio dos seus semelhantes, vivendo no meio onde não possa receber os olhares rutilantes da resplandecente aurora da civilização, distante do progresso e da sciencia para resolver os magnos problemas da sua evolução atravez dos tempos e das gerações que se succedem, torna-se um escravo submisso e humílimo da natureza (QUEIROZ, 1922, p. 08-09).

Entretanto, o homem civilizado:

[...] instruído moral e intellectualmente relacionando-se com os seus semelhantes formando grupos sociais e conhecendo a maneira de empregar a sciencia nos diversos ramos de trabalho reage sobre a natureza e produz obras gigantescas que assombram, inventa o telegrapho e o telephone a imprensa e a locomotiva [...] (QUEIROZ, 1922, p. 09-10).

Essa imponência do homem frente ao meio, também pode ser lida na parte do caderno dedicada à **Cosmografia**: “[...] a sciencia que estuda a origem hypothetica da Terra” (QUEIROZ, 1922, p.12). Cosmografia que é relacionada à cosmogonia teológica na explicação sobre a origem da Terra: “Estribando-nos na sciencia moderna, podemos diser desassombradamente, que para a formação do nosso planeta foram precisas 6 epocas que correspondem aos 6 dias do livro de Moysés” (QUEIROZ, 1922, p. 13). No primeiro dia a Terra se materializa e toma forma, no segundo surgem a água, os mares, os continentes e os animais invertebrados, no terceiro aparecem os animais vertebrados, mas ainda há ausência de mamíferos, no quarto os dinossauros dominam a Terra, no quinto espalham-se pela superfície os mamíferos e pelas águas os peixes e, no sexto e último dia:

[...] depois de tudo preparado quando a Terra já se achava referta de seres organizados; quando a puresa do ar e o grau de calor atmospherico permitiam no seu ambiente a vida humana; quando tudo era belleza, encanto formosura e poesia, o homem, o mais intelligente e o mais perfeito de todos os seres, o fim maravilhoso e sublime da grandiosa e gigantesca obra da criação do mundo, a imagem e semelhança de Deus fez a sua entrada triumphal no orbe terraqueo destinado pelo onipotente para ser o rei absoluto da natureza (QUEIROZ, 1922, p. 16-17).

Em relação a essa peculiar Cosmografia, depois de lermos a propósito do que os gregos e os egípcios pensavam a respeito da **forma da Terra**, ora como “[...] uma grande mesa circular, repousando sobre doze columnas [...]”, ora como “[...] um globo imenso repousando sobre enormes elephantes de bronze [...]” (QUEIROZ, 1922, p. 17), entre outras teorias fantásticas de uma “[...] epoca riquissima de imaginações as mais extravagantes [...]”, apreendemos que a Terra “[...] tem a forma de espheroides ligeiramente achatado nos polos, por causa da rotação em torno do seu eixo” (QUEIROZ, 1922, p. 18).

Ainda no Caderno de Geografia, temos uma minuciosa caracterização do planeta, iniciada pelo **relevo submarino**. Rachel faz anotações a respeito da oceanografia, indicando que é “A parte da geographia que estuda os diversos oceanos precisando a sua profundidade, o seu relevo, a sua composição chimica de suas aguas, os seus diversos

movimentos, a sua temperatura e as suas cores diversas, sua fauna sua flora [...] (QUEIROZ, 1922, p. 20). E a propósito das inúmeras expedições que exploraram as profundezas do oceano buscando conhecer o relevo, solo, temperatura, densidade, salinidade, profundidade, fauna, flora e velocidade de suas correntes, anota: “Essas expedições exploradoras recolheram as mais importantes observações sobre o elemento liquido que envolve parcialmente o exterior do nosso planeta, os quaes foram verdadeiras surpresas para os geographos” (QUEIROZ, 1922, p. 22-23).

Nesse mesmo contexto, temos a **classificação das ilhas**. No caderno, a ilha “[...] é uma massa de terra firme, menor do que um continente e rodeada d’agua por todos os lados” (QUEIROZ, 1922, p. 36). Quando aglomeradas, são denominadas de arquipélago. Podem ser costeiras ou litorâneas, marítimas ou oceânicas, fluviais ou lacustres, de aluviões, vulcânicas e madreporicas. Os exemplos de cada tipo são variados, desde a Ilha de Marajó, ilha costeira localizada no Estado do Pará, até Fernando de Noronha que é um arquipélago de origem vulcânica, pertencente a Pernambuco.

Em meio a tantas classificações e explicações detalhadas, defrontamos com um curioso “Questionário dos pontos de Geographia” com questões que parecem exigir o mesmo detalhamento por parte dos estudantes:

1ª Questão – Que sabeis sobre a forma e a estrutura da Terra?

2ª Questão – Quantos são os movimentos da Terra e quaes os principaes e sua velocidade num segundo de tempo? (QUEIROZ, 1922, p. 46).

Após essas questões, encontramos a **classificação do clima**. A respeito disso, Rachel anota em seu caderno que a umidade, as correntes aéreas e marítimas, a altitude e a latitude, entre outros fatores geográficos, desempenham um papel importantíssimo na variação climática de regiões e países. Sendo os climas classificados “[...] quanto à temperatura em quentes, temperados e frios; quanto ao estado hygrometrico do ar em climas humidos e seccos. Lapparent, porem, classifica-os em duas cathegorias apenas climas maritimos e continentaes” (QUEIROZ, 1922, p. 54). O clima marítimo caracteriza-se pela pouca amplitude térmica entre o inverno e o verão, enquanto o clima continental, ao contrário, possui grande amplitude térmica em relação às referidas estações.

Quanto à temperatura média, esta pode ser obtida com o uso de termômetro e a partir do cálculo aritmético de diferentes medições que podem ser diárias, mensais ou anuais. Já as linhas isotérmicas, aquelas propostas por Alexander von Humboldt, “[...] unem diversas regiões que possuem a mesma temperatura media” (QUEIROZ, 1922, p.

61). Contudo, em relação ao clima, uma das partes mais interessantes diz respeito às suas influências sociais:

Os climas exercem uma influencia extraordinaria sobre a destribuição dos animaes e dos vegetaes na superficie do globo. O clima excessivamente quente torna o homem preguiçoso e indolente, ao passo que o temperado, torna o homem trabalhador, activo, alegre e emprehendedor. O clima frio faz do homem um taciturno, um pensador profundo, dado aos estudos da natureza. Um clima agradável, um céu puro e límpido a serenidade do ar e a belleza do meio physico, faz do homem um folgazão, um typo talhado para as grandes conquistas das sciencias, das bellas artes, do commercio. As tonalidades variadas das zonas temperadas, a mudança das estações, obrigam o homem a se precaver contra as eventualidades tornando-o operoso, activo e trabalhador.

As suas faculdades intellectuaes e a energia da sua actividade physica ahi se desenvolvem consideravelmente. Em resumo o clima quente torna o homem indolente, o frio enerva-o, a insalubridade enfraquece-o, o clima nebuloso traz-lhe a melancholia e a tristeza; mas em compensação torna-o reflectivo e ponderado. Do exposto concluímos que do clima dependem a riqueza ou a pobreza do reino animal e vegetal, o grau de habitabilidade das regiões, a saude de seus habitantes, a actividade do homem o desenvolvimento e o progresso das industrias, do commercio e da agricultura, a evolução das sciencias e das artes e das diversas nações do globo (QUEIROZ, 1922, p. 62-64).

Após essa exposição reveladora, Rachel ainda anota sobre a **flora** e a **fauna** do globo. Quanto à flora, são “[...] seres organizados que vivem sobre a superfície do nosso planeta, como também na superfície dos mares e nas suas profundezas [...]” (QUEIROZ, 1922, p. 71); a temperatura, a umidade, a luz, o solo, a altitude e a latitude são elementos importantes para compreendermos a sua variedade. Sobre a fauna, escreve que cada espécie ocupa uma zona geográfica chamada de habitat e que o número de indivíduos diminui de tamanho, de número e de espécie à medida que caminhamos da linha do equador para os polos.

Diante dessa *Geografia Física* que foi estudada por Rachel, ilustrativa de parte dos conteúdos de Geografia que eram ensinados no início do século XX, agora nos deteremos nas **formas** e como esses conteúdos teriam sido aprendidos pelos alunos da época.

Ao nos deparar com a indicação abreviada do nome de Manoel Bomfim (1868-1932) na seguinte citação: “Do conjunto de condições phisicas como diz M. Bomfim a parte mais importante é a própria Terra” (QUEIROZ, 1922, p. 03), julgamos ter sido esse autor uma importante referência para a Geografia que Rachel estudara.

Cientes disso, levantamos informações a respeito de Manoel Bomfim e, com base em duas publicações, nos inteiramos das atividades desse intelectual do início do século XX. Uma delas foi a tese de doutorado de Terezinha Alves de Oliva, *O Pensamento Geográfico em Manoel Bomfim*, defendida em 1998, no Programa de Pós-Graduação em

Geografia, da UNESP, Rio Claro, sob a orientação do professor doutor Silvio Carlos Bray. Partindo dessa tese, chegamos ao livro de Manoel Bomfim, *Lições de Pedagogia, Theoria e Prática da Educação*, publicado pela Livraria Francisco Alves, no ano de 1920, em sua segunda edição.

Na primeira publicação, Oliva (1998) nos fornece dados relevantes sobre o médico sergipano Manoel Bomfim, que tinha por preocupação a identidade e o caráter da nação brasileira. Foi republicano, abolicionista, jornalista e professor da Escola Normal do Rio de Janeiro. Seus textos revelam cores nacionalistas, porém não ufanistas. Não possuía uma determinada especialização. Seus conhecimentos eram gerais, suas atitudes vanguardistas, suas posições admitiam as condições de nação mestiça e assumiam a educação como integradora do país. Sua visão em relação ao Brasil era a de um nativo e não a de um estrangeiro. Vivera na virada do século XX e escrevera, inserido na sociedade da *belle époque* carioca. Suas colocações intelectuais eram as de cientistamilitante, condenando a imigração, pois a considerava um elemento “perturbador e embaraçoso” para o momento histórico vivido pelo país. Entendia que o problema brasileiro não era racial e, sim, muito mais cultural.

É notória a filiação de Manoel Bomfim às ideias de Auguste Comte. Em relação ao pensamento geográfico, revela a preocupação constante da relação do homem com o meio ambiente, especialmente na América Latina e no Brasil: “Para Bomfim, a consciência humana realiza-se em correspondência com as necessidades de adaptação ao meio social, enquanto a adaptação ao meio físico é obra da sociedade. É esta ação coletiva que garante ao homem a supremacia na natureza” (OLIVA, 1998, p. 78).

Mas é a partir do livro *Lições de Pedagogia, Theoria e Prática da Educação*, com conteúdos dirigidos para o curso de Pedagogia da Escola Normal, que melhor compreendemos os conteúdos presentes no Caderno de Geografia.

Em seu índice geral, são apresentados 24 capítulos, mas é o capítulo XIII, *Methodologia da Geographia*, que mais nos interessa. Nesse capítulo (p. 231-249), Bomfim tece considerações sobre o ensino e o aprendizado da ciência geográfica, apresentando a sua definição, recomendando o ensino de mapas e recorrendo às noções de História, Astronomia, Física e Química como auxiliares nas explicações geográficas.

Para ele, era indispensável definir preliminarmente o objeto da disciplina e determinar o seu papel e sua utilidade no preparo do indivíduo. Quanto ao primeiro aspecto, lembra que a disciplina não é apenas a “descrição da Terra”, sem “[...] conexão racional de principios, sem systematização scientifica dos factos [...]” (BOMFIM, 1920, p. 231-232). Com esta definição simplória, a Geografia torna-se

uma disciplina “[...] insípida, estéril e incompleta enumeração de dados topographicos e estatísticos, sem valor mental sinão o da sua utilização immediata, para elucidação de circumstancias materiaes” (BOMFIM, 1920, p. 232). A didática aplicada a essa Geografia conduz o aluno a incompatibilizar sua inteligência, desinteressando-se pela disciplina. Disciplina esta que contém “[...] um ensino interessante, curioso e racional [...]” e “[...] de grande valor educativo, indispensável no preparo geral do indivíduo [...]” (BOMFIM, 1920, p. 233).

Mais adiante, lemos a definição de Geografia de Bomfim, similar àquela anotada por Rachel em seu caderno:

A Geographia é o estudo systematico e racional do conjuncto de condições phisicas e politicas que formam o meio dentro do qual vive o homem. Assim deve ser entendida; assim tem de ser ensinada. A parte mais importante, nesse conjuncto de condições phisicas, é a própria Terra; por isso mesmo começa por ahi o estudo da Geographia; por isso mesmo, tem tão grande desenvolvimento a parte descriptiva (BOMFIM, 1920, p. 233).

Segundo o autor, os fatos, os fenômenos e as causas que são tratados pela Geografia devem referir-se às relações dos aspectos naturais. As explicações são apresentadas pelas localizações, direções e configurações a partir do uso de mapas. Para ele, a instrução geográfica recorre mais à imaginação “[...] uma manifestação essencialmente activa da intelligencia – esforçando-se por imaginar e conceber cada um dos aspectos topographicos, como reconstituição propria, baseada nos dados fornecidos pela descripção e pelas cartas” (BOMFIM, 1920, p. 236).

Como exemplo de fato geográfico, o autor esclarece a importância da orografia, pois “Um continente depende da disposição dos seus massiços montanhosos, porque a montanha, é, finalmente, o esqueleto das terras” (BOMFIM, 1920, p. 236). É essa geografia física que será base do estudo político.

Desse modo, os mesmos processos de descrição dessa orografia, são aplicados a todos os continentes, procurando comparar os traços gerais comuns, partindo de interrogações que conduzirão a aprendizagem dos alunos:

Porque é que certos accidentes apresentam tal ou qual forma?... Quaes os agentes que os determinaram?... Como se explica a acção desses agentes?... Como se combinam as influencias dos diversos agentes – ventos e chuvas, humidade e calor?... Porque se escolheram taes e taes pontos para a localização das cidades?... Como se explica as diferenças de fauna e de flora?... Que é que determina o traçado das estradas de ferro? (BOMFIM, 1920, p. 241).

E, assim por diante, chamando atenção para a localização, diferenças, determinação, com “considerações elementares” de Astronomia, Meteorologia, História, Mecânica, História Natural, Física, Química, Comércio e Indústria, chegando à conclusão de que a Geografia é a disciplina mais educativa do programa, por relacionar todos esses conhecimentos.

No ensino da Geografia, portanto, é preciso englobar todos esses saberes com a distribuição, a formação, o movimento, a relação, a classificação, a ação e todos os aspectos físicos de acordo com os climas e topografias, com a população, as raças, as vias de comunicação, a produção, enfim, a “[...] acção do homem sobre a natureza, reflexo da natureza sobre o homem...” (BOMFIM, 1920, p. 241), requerendo-se o emprego de “recursos representativos” (BOMFIM, 1920, p. 242) como: o globo terrestre, as coleções de mapas, de rochas e minerais, as ilustrações, gráficos e fotografias e os modelos em relevo.

Para Bomfim, a criança, aos oito, nove anos de idade, deve estar preparada para três sentidos: apreciar e valorizar a descrição da Terra, compreender a existência e as relações “sideraes” e, por fim, decifrar o uso de mapas e gráficos.

Para isso, a Geografia, como todas as outras ciências, tem as suas tecnologias, sendo necessário atentar para a distinção entre “fatos”, “acidentes” e “convenções”. Segundo o autor, não convém começar o ensino por convenções como longitude, latitude, orientação, horizonte, polos, meridianos, paralelos, eclíptica... “[...] porque, sem a necessária base de conhecimentos intuitivos, o aluno não saberá referir a essas expressões o valor da ideia que nellas se contêm [...]” (BOMFIM, 1920, p. 243). Ao passo que fatos ou acidentes como ilha, península, cabo, istmo, vale, montanha, rio, lago... “[...] são denominações de cousas concretas, observadas; as respectivas ideias devem ser adquiridas pela observação – pela observação directa, ou mediante conveniente descrição, ilustrada por gravuras e cartas” (BOMFIM, 1920, p. 243-244).

Ao concluir essas considerações, Bomfim aponta que “[...] ao estudo da Geographia se deve applicar o methodo normal de observação – o methodo inductivedeductivo, porque, como todas as outras disciplinas, a Geographia offerece ao estudo factos e principios geraes” (BOMFIM, 1920, p. 246-247). Ao dar ênfase aos “factos”, lembra a extensão desses no tempo e no espaço de suas ocorrências e a impossibilidade de observação direta pela criança. Daí, a necessidade de se recorrer à imaginação e à representação, levando o aluno à organização intelectual, quando evocados os acidentes geográficos. Diz ele: “Não é somente na memoria que se devem

gravar os dados e as formas geográficas, mas também na imaginação” (BOMFIM, 1920, p. 247).

## Geografia encadernada

É interessante quando a vida e a obra dos escritores muitas vezes se comunicam nos possibilitando geografias possíveis. Sinal de que não somente o que escrevem nos oportuniza outras interpretações de lugares e paisagens, mas também o que vivenciam e experienciam. Uma geobiografia se apresenta como caminho provável, como meio de traçarmos outras interpretações geoliterárias. O Caderno de Geografia é a prova disso.

Disso tudo, pensamos que o valor histórico, geográfico e pedagógico do Caderno de Geografia é o de evidenciar como outrora teriam sido as aulas de Geografia, em particular, as da estudante Rachel. Essas aulas envolviam o seu cotidiano. Daí, entre suas folhas, encontrarmos os nomes de algumas de suas colegas de turma e o apelido que tivera quando estudante, traços de suas (con)vivências no Colégio da Imaculada Conceição.

Do paralelo realizado entre o caderno de Rachel e o livro de Bomfim, podemos constatar a correspondência entre vários pontos que indicam como a Geografia era estudada e ensinada na época:

- Era a parte física da Terra que primeiro tinha de ser estudada e ensinada pela Geografia, a partir da descrição e apreensão de suas formas;
- Buscava-se evitar a simples memorização com a descrição dos fatos ou acidentes, considerando a conexão de seus princípios de maneira sistemática e racional;
- O uso do globo terrestre, de mapas, cartas, compêndios, além de outros materiais, era importante no processo de ensino e aprendizagem e correspondia às técnicas e tecnologias de que o ensino de Geografia dispunha na época;
- As relações que a Geografia estabelecia com outras disciplinas, como a História, a Astronomia, a Química, a Biologia, entre outras, eram de grande importância, e;
- A Geografia já gozava de uma posição de destaque na educação, sendo os seus conteúdos os mais atuais para o momento.

Essa Geografia, certamente, encantou o imaginário de menina de Rachel e, assim como a literatura, fez com que ela percorresse mares, escalasse montanhas e descobrisse

ilhas. Talvez por isso, muito depois dessas lições, ao percorrer outras tantas geografias, Rachel escrevera tão profundamente sobre o Brasil, o Nordeste, o Sertão e o Ceará.

## Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda da professora e pesquisadora Cecília Maria Cunha, grande conhecedora da vida e da obra de Rachel de Queiroz, e de Madalena Figueiredo, bibliotecária da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, que tem cuidado com muito esmero esse pequeno caderno.

## Referências Bibliográficas

- ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. 135p.
- BOMFIM, Manoel. **Lições de pedagogia, teoria e pratica da educação**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920. 440p.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Rachel de Queiroz. São Paulo, **Instituto Moreira Salles**, n.4, set. de 1997. 129p.
- CUNHA, Cecília M. Iniciação literária de Rachel de Queiroz. In: COUTINHO, Fernanda (org.). **Rachel de Queiroz: uma escrita no tempo**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p. 55-73.
- CUNHA, Cecília M.; FIGUEIREDO, Madalena. Memória Encadernada. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, v. 115, n. 71, p. 334-336, 2010.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.
- LÉVY, Bertrand. Géographie culturelle, géographie humaniste et littérature: position épistémologique et méthodologique. **Géographie et Cultures**, n. 21, printemps, p. 27-44, 1997.
- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª edição. São Paulo: DIFEL, p. 103-141, 1985.
- MENDES, Eluziane G. **História da formação do pensamento geográfico cearense: entre o saber, o conhecimento científico e a docência (1887-1947)**. 2012. 364f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- MIRANDA, Ana. A geografia pessoal. **O POVO** – Colunas. Fortaleza, 05 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2012/05/05/noticiasanamiranda,2832923/a-geografia-pessoal.shtml>> Acesso em: 10 mar. 2014.
- NERY, Hermes R. **Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz**. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC-Editora, 2002. 258p.
- OLIVA, Terezinha A. de. **O Pensamento Geográfico em Manoel Bomfim**. 1998. 189f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.
- QUEIROZ, Rachel de. **Geographia** [manuscrito], 1922. 88p.
- QUEIROZ, Rachel de. Um alpendre, uma rêde, um açude. In: \_\_\_\_\_. **100 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. p. 67-69.

QUEIROZ, Rachel de. Como foi escrito "O Quinze". **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, ano LXXVII, n. 37, p. 59-62, 1976.

QUEIROZ, Rachel de. As terras ásperas. In: \_\_\_\_\_. **As terras ásperas**. 2ª edição. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 200-205.

QUEIROZ, Rachel de. Olhos míopes. In: \_\_\_\_\_. **A Donzela e a Moura Torta**. São Paulo: Siciliano, 1994. p. 130-132.

QUEIROZ, Rachel de. Livro de Rachel. In: **Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse**. Fortaleza: Tipoprogresso, 1999. p. 163-165.

QUEIROZ, Rachel de. Morreu irmã Simas. In: \_\_\_\_\_. **Do Nordeste ao infinito: coletânea de crônicas**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p. 55-59.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria L. de. **Tantos anos**. 3ª edição. São Paulo: Siciliano, 1998. 256p.

SANTOS, Anabela A. C. e; SOUZA, Marilene P. R. de. Cadernos escolares: como e o que se registra no contexto escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n.2, p. 291-302, 2005.

Recebido em 17 de outubro de 2018.

Aceito para publicação em 10 de junho de 2019.